

## 7

### Considerações Finais

Com base na opinião de críticos, professores, agentes literários e profissionais do mercado editorial atuantes nos polissistemas doméstico e de língua inglesa, o exame da produção literária brasileira dos últimos quatorze anos e dos títulos brasileiros em tradução para o inglês nesse mesmo período permitiu concluir, em primeiro lugar, que as representações da literatura brasileira nos Estados Unidos e na Inglaterra formam um subconjunto da expressão literária brasileira ordenado segundo forças que começam a se moldar no polissistema doméstico para, em seguida, tomar forma diante de forças que atuam no polissistema meta. Num primeiro momento, conforme as conclusões de Heloisa Barbosa (1994), esse subconjunto era gerado segundo interesses estabelecidos entre os pólos de origem e de chegada nos níveis político e econômico. Na defesa de tais interesses, criaram-se meios de aproximar as duas culturas de modo a possibilitar o estreitamento dos vínculos entre os dois países e afastar a influência soviética. A tradução de obras literárias fez parte de um conjunto de medidas tomadas nesse sentido. Nesse período, que começa na década de 1960, a patronagem acadêmica foi a principal força a determinar a tradução de obras brasileiras. A partir do processo de abertura política nos anos 1980 e da redemocratização brasileira e nova inserção do país no mundo globalizado nos anos 1990, uma outra força, aqui chamada de patronagem mercadológica, se estabeleceu e, embora os principais critérios de seleção utilizados no período a que se dedicou a pesquisa de Barbosa não tenham sido de todo abandonados, as regras de consumo passaram a fazer parte das forças que determinam a seleção de obras brasileiras para tradução.

Considerando-se as já citadas conclusões do estudo de Barbosa, pode parecer contraditório afirmar que forças domésticas são o ponto de partida para a geração de um sistema de literatura brasileira em inglês. Mesmo este estudo que aqui se encerra compreende que a representação da literatura brasileira em tradução nos Estados

Unidos e na Inglaterra é produzida, de um modo geral, externamente, segundo interesses mercadológicos e possíveis razões políticas e ideológicas. No entanto, como vimos no capítulo 4, editores e agentes que abordam o polissistema literário brasileiro em busca de títulos para tradução contam com referências brasileiras sobre a produção literária, tanto as que se fazem no meio acadêmico como as que se constroem a partir da lei mercadológica de oferta e procura, para estabelecer critérios de seleção. Assim, este estudo recorreu freqüentemente à observação de aspectos observados no polissistema doméstico para atingir o objetivo de melhor compreender a formação de um sistema de literatura brasileira em língua inglesa, por tradução.

Por essa razão, visando a um exame do conjunto de obras traduzidas para o inglês nos últimos quatorze anos para se chegar a uma conclusão sobre a criação de identidades brasileiras nos polissistemas de língua inglesa, partiu-se de um panorama da literatura brasileira produzida neste período. No capítulo 3, que traz esse panorama, vimos que a produção literária brasileira recente tem fomentado a discussão sobre o contraste entre a literatura culta e a literatura de mercado. O fomento desse debate no meio acadêmico em muito se deve à nova tendência realista da nossa literatura, geralmente rejeitada por críticos de orientação modernista e considerada importante como expressão cultural por aqueles que seguem a linha dos estudos culturais.

Afora as discussões da crítica acadêmica, o mercado editorial moderno, em que se fortaleceram as grandes casas editoras mediante fusões e aquisições, viu na literatura realista dos anos 1990 e 2000 uma oportunidade de atender à demanda por títulos nacionais, num momento em que obras de ficção comerciais e livros de auto-ajuda, religiosos e que narram experiências pessoais são o carro-chefe da produção nacional, por serem capazes de manter o poder de venda diante da invasão de obras do mesmo teor importadas por tradução. A literatura culta, nesse cenário, desde muito considerada uma forma de expressão artística destinada à elite cultural, isolou-se ainda mais no seu nicho de leitores iniciados e, dessa forma, não acompanhou o ritmo da expansão do mercado editorial, que vem se desenvolvendo apesar das vendas ruins. Assim, os grandes nomes da literatura nacional vêm sendo publicados em tiragens que geralmente não ultrapassam 3.000 exemplares, ao passo que o mercado editorial

cria fenômenos de vendagem como os livros de Paulo Coelho e os livros estrangeiros traduzidos, cujo exemplo mais recente é *O Código da Vinci*, de Dan Brown, lançado no Brasil pela editora Sextante. O presente estudo conclui que essas características do mercado interno também foram capazes de influenciar a formação de um sistema de literatura brasileira contemporânea nos polissistemas anglófonos.

No período que se sucedeu ao *boom* de literatura latino-americana nos Estados Unidos e na Europa, os títulos brasileiros selecionados para tradução geralmente faziam parte do sistema de obras canônicas. Os interesses políticos e econômicos de que falou Heloisa Barbosa eram defendidos também através de programas de aproximação cultural, conforme se reiterou no capítulo 4 do presente estudo. Para levar adiante esses programas, o governo norte-americano contou com o financiamento de instituições como a Rockefeller Foundation e a Ford Foundation além do apoio de universidades que haviam criado seus departamentos de estudos brasileiros nos anos 1960. A participação da universidade foi importante para o processo de seleção de obras brasileiras para tradução e, a partir dela, é possível entender o porquê da presença maciça de autores canônicos nas traduções publicadas nos trinta anos que se sucederam aos programas de aproximação cultural: a universidade geralmente privilegia sistemas centrais em suas abordagens. Rubem Fonseca, por exemplo, popular no período em que se verificaram os programas de tradução, não tem grande representação no sistema de literatura brasileira traduzida para o inglês.

É verdade que a canonicidade no polissistema de origem ainda é um critério de seleção de obras para tradução e, portanto, dentro do período estudado, a literatura canônica ainda é mais representativa no sistema de obras brasileiras traduzidas para o inglês. Muitos autores importantes no polissistema brasileiro despertaram o interesse de professores de literatura e pesquisadores da área de estudos culturais brasileiros e acabam por serem traduzidos. Podemos citar o exemplo de Moacyr Scliar, considerado internacionalmente um dos melhores autores brasileiros vivos e que teve, entre 1990 e 2004, quatro livros lançados em tradução para o inglês, três romances - um deles o relançamento de obra traduzida na década de 1980 - e uma coletânea de contos publicada sob o selo da New Mexico University Press. O autor, porém, não é

conhecido pelo grande público leitor de língua inglesa. Sobre esse aspecto, vale dizer que critérios de seleção estabelecidos foram mantidos, embora novas forças tenham começado a influenciar a seleção de títulos para tradução. Heloisa Barbosa (1994) usa um termo da Física, inércia, para explicar esse fenômeno. Inércia é a resistência que corpos materiais opõem à modificação de seu estado de movimento. Assim, uma vez estabelecido o fluxo de exportação de obras brasileiras por tradução a partir da patronagem acadêmica, esse canal tendeu a ser mantido.

Entretanto, dentro do período a que se dedicou o presente estudo, livros que pouco provavelmente despertariam o interesse acadêmico também surgiram em tradução a partir do sucesso de vendas no polissistema doméstico. Vimos que Paulo Coelho iconicamente representa os autores selecionados por critérios relacionados apenas às regras de consumo. Além deste, que na crítica interna nem pode ser considerado um representante da literatura brasileira contemporânea, seja por seus temas sem o gosto da terra, seja por seu alegado parco domínio da língua portuguesa, podemos citar também o nome de Jô Soares. Ao lado destes, também ganhou espaço a literatura que revela os modos de vida nas cidades brasileiras, seus problemas e suas mazelas sociais. Essa literatura urbana, que geralmente trata de assuntos como violência, miséria e segregação social, se fortaleceu no Brasil para, em seguida, chegar em tradução a polissistemas estrangeiros.

Fortalecidos aqui, diversos autores urbanos que (ainda) não mereceram a atenção de universidades e editoras americanas tradicionalmente interessadas na tradução de livros brasileiros foram traduzidos recentemente. Muitos desses nomes tiveram seus títulos negociados por agentes literários nas feiras internacionais de livros, como, por exemplo, a feira profissional que acontece anualmente na cidade de Frankfurt, na Alemanha. Entre eles há os que têm recebido, no Brasil, críticas elogiosas por parte da academia, como é o caso de Chico Buarque, que atualmente pode ser considerado um sucesso de público e crítica. Há também os que se influenciam pela linguagem cinematográfica, como é o caso de Patrícia Melo e Paulo Lins, e que conseguiram, seguindo a escola fonsequiana, criar um público leitor de grande alcance, mesmo sofrendo algumas restrições por partes dos críticos brasileiros. Esses três autores também têm a seu favor a interface midiática, no

primeiro caso, com a música e nos dois outros com o cinema, não apenas pela linguagem literária de que lançam mão mas também pela própria adaptação de seus romances para o cinema.

É possível afirmar, diante desses exemplos, que a patronagem acadêmica, ligada ao poder instituído e ao saber acadêmico e que norteou as primeiras traduções da literatura brasileira para o inglês, já não é a única grande força a determinar a seleção de títulos para tradução. Diga-se de passagem, mais uma vez, os programas de tradução instituídos na década de 1960, segundo Marshall Eakin (2004), da Brazilian Studies Association, se extinguiram há bastante tempo, de modo que se pode concluir que, mesmo para as editoras universitárias ou com tradição na publicação de obras brasileiras, não é mais possível deixar em segundo plano as leis do mercado no momento em que se decide traduzir uma obra brasileira. Mas o mercado editorial brasileiro, que se afina com as tendências internacionais do setor pela atuação das grandes casas editoras, já produz fenômenos de venda capazes de despertar o interesse de editores estrangeiros. Assim, obras com boa vendagem no Brasil são negociadas internacionalmente a partir de forças mercadológicas ou, para ficarmos com os termos usados no presente estudo, a partir da patronagem mercadológica.

A visão acadêmica e a participação de tradutores e editores ligados a universidades ainda podem influenciar a seleção de obras para tradução. Vimos como isso aconteceu no caso da tradução de *Onde andaré Dulce Veiga?* de Caio Fernando Abreu, em que o interesse pessoal da tradutora abriu caminho para a publicação do livro pela editora da Universidade do Texas. Mas essa patronagem acadêmica hoje precisa conviver com a patronagem mercadológica, onde a principal força a determinar a tradução de livros brasileiros não é a atração pela arte literária brasileira e, sim, o interesse específico por livros que possam vender bem.

Esse estudo conclui portanto, que se, por um lado, a patronagem acadêmica continua voltada para o centro do polissistema literário brasileiro, possibilitando a tradução de obras canônicas ou centrais, certamente para atender a uma demanda que se criou para a literatura brasileira durante os programas de aproximação cultural, por outro lado, a patronagem mercadológica privilegia livros que podem vender bem - e

sabe-se que boa vendagem não é sinônimo do que é considerado boa literatura, do mesmo modo que o insucesso nas vendas não significa pouca qualidade literária. Desse modo, agentes literários - importantes, como vimos, na comercialização de literatura nas grandes feiras internacionais - e editores estrangeiros têm interesse maior por obras orientadas para o consumo e que, portanto, veiculam a literatura brasileira em associação com idéias preconcebidas que venham ao encontro da expectativa do público leitor de língua inglesa sobre identidades brasileiras em circulação por meio de transmissão de bens culturais. Certamente, o interesse estrangeiro por nossa literatura ainda é incipiente e, se os editores brasileiros chegam a Frankfurt interessados em oferecer seus títulos mais comerciáveis, eles têm interesse muito maior em comprar títulos estrangeiros que tenham se tornado *best-sellers* internacionais, estabelecendo a via de mão única de que se lamenta Nelson Oliveira (2004) e que pode ser entendida segundo a relação de forças contemplada pela teoria dos polissistemas e pelos estudos descritivistas da tradução.

De toda maneira, o surgimento de um interesse comercial pela literatura brasileira gerou um canal de exportação de autores nacionais e o estabelecimento de canais de exportação da cultura brasileira deve ser encarado como um ponto positivo. No entanto, há um outro aspecto que deve ser analisado em relação a essa maneira de exportar a literatura brasileira e que diz respeito à criação de identidades brasileiras formadas a partir da tradução e da veiculação de um conjunto de obras no exterior. O presente estudo ocupou-se especialmente da imagem da cidade brasileira veiculada, nos Estados Unidos e na Inglaterra, pela reescrita de obras de Caio Fernando Abreu, Chico Buarque e Patrícia Melo. Vimos que nesses três casos a cidade caótica e violenta é assunto dos livros examinados, à exceção de *Budapeste*, de Chico Buarque. Vimos também que, afora a manipulação do texto do livro a partir de estratégias tradutórias, freqüentemente, os critérios de seleção e a forma de veiculação das obras desses autores, através de suas releituras/reescritas críticas são capazes de gerar imagens estereotipadas do ambiente urbano brasileiro.

Não se pretende sugerir que alguns livros traduzidos, bem como suas formas de veiculação, sejam benéficos à geração de identidades culturais ao contrário de outros, que seriam maléficis à imagem do país. Em um aparte, quero dizer que uma restrição

minha ao pensamento de Venuti é a sua forma maniqueísta de entender a transmissão de bens culturais pela literatura traduzida, explicitada quando ele diz que, “ao criar estereótipos, a tradução pode vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos” (2002, p. 130) A violência e a crueza das relações humanas sempre foram assunto da nossa e de outras literaturas e não deve ser entendida apenas como uma forma de gerar ou aprofundar estereótipos. A expressão literária é capaz de encontrar seus temas em um leque de opções que vai do nada ao tudo e restringi-la seria a pior das censuras: aquela que fica impressa para sempre. Entretanto, tenho que concordar com Nelson Oliveira quanto à sua preocupação sobre o pouco espaço oferecido à literatura brasileira no exterior e quanto ao fato de esse pequeno espaço ser freqüentemente ocupado por livros que “alimentam e realimentam a idéia pré-fabricada que o Primeiro Mundo faz de nós” (2004, p. 29).

A moderna indústria do livro, representada por grandes grupos editoriais, é quem geralmente negocia os livros e os lança no mercado, em tiragens direcionadas a um público-alvo, com estratégias mercadológicas muito mais agressivas do que são capazes de fazer as editoras universitárias. Frequentemente, o interesse desses grandes editores está nos livros que abordam o tema da violência e que podem ser adaptados para o cinema, conseguindo, por associação das linguagens literária e cinematográfica, atingir um público mais amplo. Dessa forma, esses livros são muito mais visíveis do que a literatura brasileira canônica, representada em tradução por nomes do peso de um Machado de Assis ou um Guimarães Rosa, por exemplo, ou mais recentemente, um Bernardo Carvalho e um Milton Hatoum.

As estratégias de *marketing* que visam a ampliar o público leitor dessas obras incluem leituras das obras no lançamento, convites para os autores comparecerem às feiras internacionais de livros e um trabalho que no Brasil seria a assessoria de imprensa, voltado para conseguir espaços para crítica em jornais de grande circulação. Muitas vezes, o espaço na mídia impressa dedicado a obras brasileiras traduzidas vem carregado de associações entre as histórias dos livros e a vida real. Vimos isso acontecer com a obra de Chico Buarque, *Estorvo*, cuja tradução para o inglês veio acompanhada de comentários sobre o cenário do livro ser necessariamente o Rio de Janeiro, embora autor não tenha, em nenhum momento, se preocupado em

ambientar textualmente sua história em terras cariocas. Os livros de Patrícia Melo também são anunciados como relatos da vida nas grandes cidades brasileiras. Essas resenhas não costumam ter compromisso com a crítica literária acadêmica, pois são destinadas ao leitor comum. Sem se aprofundar em questões de literatura, são associadas a matérias jornalísticas - freqüentemente apelativas - de modo a passar a noção de veracidade às histórias narradas pelos livros traduzidos. Vimos, por exemplo, como se associou *Inferno*, de Patrícia Melo, ao dia-a-dia da favela carioca, inclusive com a veiculação da informação de que os traficantes de droga são o “governo” dessas comunidades, responsáveis pela compra de remédios e livros escolares para as crianças. Não entendo como a autoria da matéria chegou a essa informação folclórica sobre as favelas, mas o fato é que ela não se preocupou em verificar sua veracidade e não tomou conhecimento dos programas do governo federal de distribuição gratuita de livros escolares nas escolas públicas e de medicamentos para doenças crônicas em hospitais e postos de saúde da rede pública.

A preocupação dos estudos descritivistas da tradução com o paratexto (orelhas, capas, guardas, etc.) e com o metatexto (resenhas e críticas) diz respeito ao poder desse aparato para gerar identidades culturais ao se somarem ao conteúdo do livro, orientando a leitura. Sempre que há a transmissão de bens culturais gera-se, inevitavelmente, uma imagem da cultura exportadora. Certamente, não há muito que se fazer para evitar a manipulação dessas identidades culturais com fins comerciais, pois não há como interferir nas estratégias mercadológicas de editoras estrangeiras para o lançamento dos livros que publicam. No entanto, a observação da trajetória da nossa literatura em polissistemas estrangeiros é importante para considerarmos a maneira como se veiculam identidades culturais brasileiras e possibilitar ações que formem um contraponto a possíveis imagens estereotipadas que venham trazer estigma à sociedade brasileira, conforme o receio de Venuti em suas reflexões sobre a criação de identidades culturais. Nesse sentido, percebe-se na necessidade de outros estudos como este, capazes de levantar os meios utilizados para a exportação da cultura brasileira e apontar para a importância de programas como o da Biblioteca Nacional aqui mencionado, que visa a analisar obras para potencial tradução e financiar a apresentação dessas obras a editores estrangeiros. Mesmo tendo recebido



críticas, o programa da Biblioteca Nacional é uma maneira de o Brasil ter sua participação na formação da imagem que se gera sobre sua cultura no exterior, diversificando o leque de representações de identidades brasileiras.

Acredita-se, portanto, que, ao lado do estudo de Heloisa Barbosa, esta análise da literatura brasileira em tradução para o inglês possa chamar a atenção de outros pesquisadores para a necessidade de se investigar diversos aspectos relativos à tradução da literatura brasileira, como por exemplo, a análise da obra de outros autores traduzidos, ou da tradução de um gênero específico, ou a localização do público leitor comum - que ainda é um aspecto velado da circulação de obras brasileiras traduzidas para o inglês - e o impacto sobre a concepção que eles fazem do Brasil gerado pela leitura de obras brasileiras traduzidas.